

A OBRA DE ARTE COMO FONTE HISTÓRICA: FRANS POST E SUA RELAÇÃO COM O NOVO MUNDO

Anna Maria de Lira Pontes
(Bolsista PIBIC/UFPB/CNPq)
Carla Mary S. Oliveira
(PPGH-UFPB/ orientadora)

A arte como fonte histórica: o estudo da obra de Post

A história da arte não é apenas um campo intrigante, mas um importante conjunto de informações acerca das representações e ideologias de cada época. Afinal, as imagens são fontes históricas em uso cada vez maior na atualidade uma vez que permitem uma visualização mais ampla do passado e são, conseqüentemente, importantes para a evidência histórica.

Le Goff coloca que “... *a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa...*”, mas pode-se acrescentar a construção desta história não apenas via historiador e sua construção interpretativa em torno do tema, como também através da repetição de representações existentes em cada época e que contribuem para a perpetuação por um bom espaço de tempo de pensamentos e simbologias sobre determinados lugares, culturas e povos. A partir da continuidade de tais representações, todo um pensamento coletivo é formado acerca de algo – no nosso caso, sobre os trópicos e a visão européia deste. Aos historiadores, cabe estudar tais implicações.

Paiva descreve a iconografia como “*a imagem registrada e a representação por meio da imagem*”. A iconografia, para este autor, deve ser entendida enquanto registro histórico, ou seja, enquanto fonte em pleno uso para o historiador e como uma fonte que também pode ser complementar à pesquisa. E, em certos casos, pode inclusive ser a fonte mais abrangente em termos de fornecimento de informações para a pesquisa.

Apesar do preconceito ainda existente no meio acadêmico sobre o uso de imagens, é preciso, ao se estudá-las, tratá-las, antes de tudo, como fontes históricas. Quanto a isto, Paiva alerta, para certos erros recorrentes no uso da imagem, como a visão da mesma como representação da mais pura realidade. Afinal, a imagem, como qualquer outro documento, está carregada de subjetividades e intencionalidades, necessitando assim de um estudo crítico e não meramente catalográfico.

Conforme o tempo e o observador existirão diversos tipos de visões e interpretações para uma única obra de arte. É preciso que o historiador tome cuidado com os anacronismos e com a percepção das representações por trás da imagem, que podem configurar-se inclusive como alegorias. A leitura da imagem, por fim, requer uma vivência/ conhecimento de mundo, além de um estudo destas segundo a idéia de continuidades e rupturas. Sua leitura pode ser tanto superficial como qualitativa para a pesquisa, depende do posicionamento tomado pelo historiador.

Então, torna-se evidente que o estudo da imagem está suscetível a uma forte influência subjetiva da figura do pesquisador e de sua vivência, principalmente no momento em que o mesmo descreverá os elementos presentes em cada pintura, já que precisará conhecê-los para saber o que são; e na própria análise iconográfica, em que os símbolos presentes na pintura podem ser mal entendidos. Por isso, vale frisar que o estudo de paisagens é um trabalho árduo e meticuloso. Mas que apenas desta maneira, assim como qualquer outro estudo historiográfico, consegue uma maior aproximação com o objeto de estudo. Até porque, como dito, a pintura é bem mais do que aquilo que ela aparenta ser.

Neste contexto, Burke defende a necessidade de se entender a significação da imagem, buscando saber para quem foi feita, ou seja, a necessidade de se estudar também o grupo em que foi produzida, e para que propósitos a mesma foi destinada.

Na relação do Novo Mundo com o pensamento europeu do século XVII, temos a imagem de um espaço tropical e natural, representado e transmitido segundo, entre outros, Frans Post, um pintor de paisagem, a fim de saciar a curiosidade de uma burguesia em busca do desconhecido mundo além-mar. As fontes que tratavam deste espaço exótico eram poucas e não tinham muito apelo visual, como relatos de viajantes. A pintura de paisagem sobre o Novo Mundo, assim, ganhava um *status* ainda maior, por proporcionar uma maior exposição deste mundo incógnito.

Frans Post pode pintar o Novo Mundo do século XVII em viagem ao Brasil junto com a comitiva de Maurício de Nassau e da Companhia das Índias Ocidentais, no qual passou sete anos a seu serviço na colônia. Já de volta à Holanda Post torna-se um pintor de sucesso, mas após sua morte passa por um período de esquecimento, despertado com a procura e estudo de brasileiros por sua obra. Dentre estes podemos citar Joaquim de Sousa Leão, que se torna um importante pesquisador deste pintor, Ricardo Brennand, que dispõe do maior acervo de Post nas Américas, hoje exposto no Instituto Ricardo Brennand, em Recife – PE, além de vários colecionadores europeus que apreciavam sua obra.

Atualmente, temos, entre outros estudiosos, Pedro e Bia Corrêa do Lago, que lançaram em 2006 o *catalogue raisonné* da obra completa do artista. As classificações e estudos prévios da obra de Post foram realizados por Joaquim de Sousa Leão, que em 1937 lançou um estudo com 44 obras de Post ao todo. Posteriormente, ele aumenta tal número para 85 quadros. Vale frisar que a classificação atual, composta por uma equipe de profissionais do ramo e com organização de Pedro e Bia Corrêa do Lago, também descartou algumas pinturas antes atribuídas a Post por Souza-Leão e outros *experts* do século XX.

Ao todo, Post conta com 155 pinturas, executadas ao longo de sua carreira, e 32 gravuras realizadas entre 1645 e 1647 para o livro de Gaspar Barlaeus, um historiador que nunca esteve de

fato no Brasil, mas foi contratado por Maurício de Nassau para escrever a História de seus feitos a partir de relatos do administrador e dos documentos levados de volta à Europa. Apesar da demora por seu reconhecimento, nos dias atuais Frans Post é tido como um dos pintores holandeses da época de ouro da pintura de paisagem, sendo uma referência nesta.

Haja vista a importância da obra de Frans Post, este trabalho busca, assim, relatar as intenções e a pesquisa realizada até o momento pelo plano de trabalho “O olhar europeu sobre os trópicos na arte de Frans Post (1637-1680)” do projeto de pesquisa “O Brasil seiscentista nas pinturas de Eckhout e Post: documento ou invenção do Novo Mundo?”, em que a obra de Post é objeto central do mesmo uma vez que busca-se o entendimento das representações sociais e culturais por trás da produção artística deste pintor sobre o Novo Mundo através da análise iconográfica de cada pintura e gravura sua, visando sistematizar a temática presente em cada fase da produção artística e estabelecer uma maior compreensão sobre cada uma delas e a evolução (ou declínio) da temática tropical que o artista usou, discutindo também os elementos alegóricos presentes em cada paisagem. Desta maneira, poderemos também saber mais sobre o Brasil Colonial ao momento da ocupação holandesa.

Arte e Interpretação: ficha de análise de pintura de paisagem

Do erro comum de ver a imagem por si própria, em sua descrição pura (formal e objetiva) e sem maiores interpretações também se incorre na visão da imagem como verdade absoluta e destituída de intenções que não a realidade que ela contém em si. Contudo, no estudo das pinturas e obras de arte como um todo, é essencial uma análise mais apurada destas, a fim de se entender o que de fato elas transmitem, ou seja, sua mensagem simbólica. Por trás da descrição da imagem, além dos elementos visuais, táteis e cinéticos, é necessária uma interpretação histórica, das suas representações, estilística e conjuntural da imagem.

Desta maneira, Panofsky lança um modelo de interpretação das imagens em que se têm o estudo de seu sentido fenomênico, semântico e documental/ essencial da obra de arte. O sentido fenomênico consiste na análise histórica da obra de arte; já o sentido semântico, a sua interpretação, e o sentido essencial, que consiste na busca de elementos subjetivos e intrínsecos à obra que deve ser estudada conforme a visão de mundo do próprio historiador. Estas etapas de análise da obra de arte podem ser descritas como: pré-iconográfica (onde se reconhece os elementos presentes na imagem); iconográfica (com a análise conjuntural, descrevendo o que a obra representa); e iconológica (a interpretação de seus aspectos subjetivos).

Baseado na teoria de Panofsky, um método de análise de pinturas de paisagem foi pensado com base em fichas de análise iconográfica a fim de estudar cada pintura em particular e, no caso

deste estudo, cada pintura de paisagem de Frans Post. Estas fichas contam ao todo com três grandes pontos: a ficha técnica, com informações físicas sobre a obra (dimensão, suporte, data de produção, entre outros dados); contexto, que traz informações sobre o momento histórico em que a obra foi produzida, bem como uma análise dos elementos centrais e secundários que a mesma possui; e, por fim, a análise iconológica, um espaço para discussão das representações e alegorias captadas na análise da pintura.

Uma vez de mãos das fichas de análise, é preciso não apenas entender a pintura do pintor estudado individualmente, neste caso Frans Post, mas também relacioná-lo com o todo. No caso de Post, as pinturas foram relacionadas por fase do pintor, a fim de diferenciar também os elementos estilísticos presentes em cada fase e estabelecer um paralelo da sua fase brasileira com as demais – que em aspectos de conteúdo serão uma continuidade do tema tropical, mesmo que não mais com o caráter ideológico quisto por Nassau.

A obra de Post, seu contexto e suas fases

O período holandês no Brasil ocorreu entre 1624 a 1654 e foi essencial na configuração atual do país e do nordeste, como por exemplo, com a urbanização de Recife. Os dois principais pontos da colonização holandesa foram a Bahia e Pernambuco. Na Paraíba, a dominação foi rápida e não deixou maiores traços de sua ocupação, mas esta capitania também foi retratada por Post, que seguia Nassau em suas expedições para fazer esboços de suas conquistas e retratá-las posteriormente.

No caso da Frans Post, sabemos que o mesmo começou sua carreira profissional a partir da vinda da comitiva de Maurício de Nassau ao Brasil e a nova colonização promovida pela Companhia das Índias Ocidentais. O uso de imagens a fim de retratar propagandisticamente o governo e a figura de Nassau era essencial para a sua autopromoção enquanto chefe de estado brasileiro e, posteriormente, fidalgo europeu. A história deveria por meio de tais imagens, objetos e informações coletadas expor a grandeza dos feitos do estadista no nordeste brasileiro – questão que de fato ocorreu e que contou com, entre outros, a pintura de paisagem de Post.

Desta maneira, percebemos a influência de intenções por trás da produção artística das paisagens de Post, que mesmo retratando a realidade de maneira minimalista e excepcional, contava com um chefe a suas costas – informando-o como proceder. Nassau tinha o conhecimento de que apenas com tais objetos poderia comprovar sua proeza no Brasil, seria uma coroação de uma boa administração, regada pela tolerância e liberalismo que acabaram por fazer a Companhia das Índias Ocidentais o retirarem do poder após sete anos, por prejuízos comerciais com a colônia.

A classificação proposta por Pedro e Bia Corrêa Lago para periodizar a obra de Post foi a utilizada pela pesquisa por trazer uma visão de suas pinturas por blocos segundo sua inspiração e disposição artística.

Na primeira fase do pintor, em sua missão brasileira, podemos destacar a influência anterior de seu irmão, Pieter Post, que posteriormente tornou-se um famoso arquiteto, além de Cornelius Vroom. O próprio Nassau foi outra forte influência na obra de Post, contudo mais particularmente durante a viagem ao Brasil, quando o pintor encontrava-se sob seus mandos. Em retorno a Holanda, Post continua servindo a Nassau, mas por um breve período de tempo, até 1645. Sobre os objetivos de Nassau para com Post e Eckhout, outro pintor de sua comitiva, Pedro e Bia Corrêa Lago os descrevem como: “... conciliar o tratamento dos temas impostos (...) com um conteúdo alegórico e emblemático que conviesse politicamente ao príncipe, ao mesmo tempo em que se esperava (...) o impacto decorativo de suas composições”. Este período foi para Post um momento bem criativo, aos quais também esboçou diversas paisagens e expedições holandesas na colônia, contudo, também foi um momento de produção artística com intenções claras de se passar uma mensagem sobre a paisagem, de se enaltecer alguém e um governo. E por isso, pode-se colocar que apesar de ser uma fase criativa, como deve conotar o início de carreira de diversos pintores, também foi uma fase em que este não podia fazer tantas escolhas por si próprio.

A Segunda Fase é marcada pela baixa produtividade de Post, mas que mantém sua fidelidade com a paisagem brasileira e se determina como aquela que irá definir o resto da carreira artística de Post, conforme análise de Pedro e Bia Correea do Lago (2006). Assim, ao retornar para a Holanda, mesmo com alguns indícios de possíveis pinturas que não tinham o tema tropical, Post determina aos poucos aquilo que segue e pelo qual ficará conhecido, o exótico do Novo Mundo.

Já na Terceira Fase, é nela que Post atinge a fama enquanto artista, com o poder de cobrar bem mais do que a média por seus quadros, diferentes que os demais artistas por demonstrar imagens distantes e tropicais. Apesar de não mais ser tão fiel as características brasileiras como anteriormente, é a fase gloriosa do pintor, em que alcança grande sucesso e também prova sua habilidade técnica. Mas, com a morte em 1664 de vários membros de sua família devido a peste bubônica, entre eles sua esposa e dois filhos, Post começa, aos poucos, a declinar, culminando no que se tornaria sua última fase, considerada de seu declínio artístico, com quadros com menor qualidade artística e não-datadas. Post encerra, assim, sua carreira de maneira claramente abalada, seja pela tristeza seja, entre outros motivos, pelo alcoolismo.

Ainda em estudo bibliográfico sobre o pintor, foi possível perceber principalmente uma mudança nas intenções por tais das obras, no qual da primeira fase para a última é evidente a perda das intenções colonizatórias e naturalistas (primeira fase) para a exposição decorativa e com vistas a

saciar curiosidades (segunda, terceira e quarta fases). Neste caminho entre as fases, percebe-se uma trajetória percorrida pelo pintor por entre evolução e declínio – quando Post atinge a fama na terceira fase, mas entra em declínio em sua quarta e última fase. Neste caminho, ele modifica sua clientela (na primeira fase era pintor contratado de Maurício de Nassau enquanto na segunda fase em diante passa a pintar por encomenda ou venda avulsa à rica burguesia holandesa), modifica seus materiais de pintura e suporte (principalmente da primeira para a segunda fase, com a mudança nas tintas e no suporte da tela para a madeira) e, por fim, em sua representação simbólica, já que, neste percurso, a intenção por trás de suas pinturas passa a modificar-se e, por isso, transformam-se ao longo do tempo – e a exposição do tema tropical é um exemplo disto, bem naturalista na primeira fase e já permeado de elementos estranhos, mas “exóticos” na quarta-fase – o que por si só já satisfazia o seu nicho de mercado: a burguesia holandesa da época, curiosa pelo Novo Mundo, mas que ainda o desconhecia.

Neste caminho percorrido por Post, critica-se sua perda de fidelidade para com o tema tropical, contudo, caso analise-se o contexto de venda de suas pinturas aliado aos anos em que o mesmo saiu do Brasil (de 1644 a 1680), defende-se aqui sua importância e comprometimento com a exposição do Novo Mundo – que não foi apenas importante para a criação de simbologias no pensamento europeu sobre os trópicos, mas também se constitui como uma grande fonte de pesquisas sobre o Brasil Holandês. A exposição do tropical vai declinar, na verdade, apenas na veracidade de elementos ligados ou não aos trópicos e, em certos momentos, no próprio traço artístico do pintor – que se torna, na quarta fase, bem mais grosso e menos elaborado.

A complexidade da obra de Frans Post torna-o não apenas um grande pintor de se estudar como também exige um maior cuidado e atenção na análise iconológica. Ainda mais, analisar a paisagem é perceber um ambiente imbricado de representações e jogos de poder aos quais a paisagem conota-se como uma representação por cima da representação, como Burke defende. Por isto, a pesquisa em questão decidiu por estudar e lançar um modelo de ficha de análise que contemple os vários aspectos da pintura de paisagem – destrinchando-a de modo que o máximo de informações possíveis seja retirado do estudo. A partir destas, o estudo e a visualização da obra de Post tornou-se mais claro e objetivo.